

Recomendações

Livros brinquedos (*Meu tanque de areia*, de Klaus Bliesener; *O que vem depois*, de Wolfgang de Haen; *Atirei um sonho n'água*, de Tiziano Sciavi e Nadia Pazzaglia, com texto em português de Stella Carr) Grow Livros. Os dois primeiros títulos são ideais para crianças em fase de percepção de forma e volume; o terceiro, para aquelas já alfabetizadas. Essa coleção privilegia as cores e o elemento surpresa, além de possibilitar a manipulação dos livros com frequência, pois o material é resistente.



A girafa sem sono, de Liliana e Michele Iacocca. Editora Ática, São Paulo. Coleção Labirinto. O humor do texto e, principalmente, das ilustrações é uma característica que irá divertir o pequeno leitor, ao acompanhar essa girafa na busca de soluções para sua insônia. Bom para crianças alfabetizadas.

De três em três, de reis em reis, de Mônica Versiani Machado. Il. de Marilda Castanha. Miguilim, Belo Horizonte. Livro de poemas que falam de memórias, sonhos e brincadeiras e festas populares. Beleza e simplicidade surgem em cada verso, em cada palavra e em todas as ilustrações, feitas à aquarela. O resultado é belíssimo. Recomendado para adolescentes.



Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) estará participando, pela primeira vez, da Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, de 23 de agosto a 3 de setembro, no Riocentro. A convite da Bienal, que cedeu à FNLIJ um estande de 140m², a Fundação apresentará seus projetos de difusão da literatura infantil, vídeos da Mostra de Bolonha e do Autor e sua obra (coletânea de dez autores), cartilhas e atividades com contadores de histórias, com a equipe especializada da FNLIJ.

As exposições terão visitas orientadas, onde se incluem, ainda, a "De Lobato a Bojunga" e de "Livros científicos para crianças". Nos dez dias da Bienal, a FNLIJ aproveitará para fazer o lançamento da Revista PIR LIM PIM PIM, cujo primeiro número é em homenagem a Monteiro Lobato e dedicada às bibliotecas. A PIR LIM PIM PIM é a primeira revista especializada em literatura infantil do País.

Prêmio Unicef-Ezra

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) está recebendo, até 11 de setembro próximo, inscrições para o Prêmio Internacional Unicef-Ezra Jack Keats à Qualidade das Ilustrações nos Livros para crianças. A escolha será por país, que anunciará o vencedor a 30 de outubro deste ano. O vencedor será anunciado a 1.º de setembro de 1990, recebendo o prêmio de US\$ 5 mil, em dezembro de 1990.

Qualquer organização, editor, amigos de ilustradores ou os próprios ilustradores podem propor qualquer pessoa que tenha publicado, no mínimo, um e, no máximo, cinco livros infantis de imagem nos cinco anos anteriores ao prêmio. O ilustrador não tem que ter, necessariamente, escrito o texto.

O livro (ou livros) deve se enquadrar nas metas das Nações Unidas e da Unicef, demonstrando preocupação com, pelo menos, um dos seguintes itens: família, paz, natureza, festividade, juventude, unidade e diversidade cultural. O nível artístico deve refletir os elevados padrões criativos alcançados pelas obras de Ezra Jack Keats.

À ficha de inscrição devem ser anexados quatro exemplares de cada livro a ser julgado, biografia do indicado (meia lauda) e fotografia preta e branca, em papel lustroso, do indicado. Maiores informações na FNLIJ, na Rua da Imprensa 16, sala 1006, CEP 20.030, Rio de Janeiro, onde podem ser obtidas as fichas de inscrição, ou pelo telefone (021) 262-9130.



Encerramos mais uma tarefa: o III Congresso da FNLIJ! Considerando os resultados, podemos dizer que foi um sucesso! Como afirmamos na abertura, fazer o Congresso foi aceitar um desafio, pois trabalhar com criança, cultura e educação é escolher o caminho da dificuldade. Mas o desafio, sabíamos, se justificava por termos a certeza que há neste País educadores — professores e bibliotecários — que estão fazendo acontecer a leitura através da Literatura Infantil e Juvenil. É essa certeza que nos move. Sem o prestígio de vocês, que vieram de longe, o Congresso não teria sido um sucesso. Nos dá força vermos 19 estados representados de Norte a Sul, de Leste a Oeste. Aí temos você — educador — resistindo e criando. Parabéns e obrigado pelo sucesso!

CRÍTICA E ILUSTRAÇÃO

Logo após a abertura oficial do III Congresso, a 24 de julho, em que foram prestadas homenagens especiais a Monteiro Lobato e Malba Tahan, seguiu-se um dos mais belos e emocionantes momentos. Inesquecível "Um encontro com Lygia Bojunga Nunes", apresentação teatralizada de seu livro de monólogo ("Livro, um monólogo com Lygia Bojunga Nunes").

De grande sensibilidade como atriz, Lygia — entre muitas homenagens e autógrafos — lembrou que já trabalhou como atriz e comentou que o monólogo é, no fundo, "uma recáida", além de ser um grande caso de amor.

A crítica e professora Maria Antonieta Cunha, ao analisar as "Questões em torno da crítica para o jornal", ressaltou que a função da crítica é a de iluminar a obra. O crítico, a seu ver, só consegue seu objetivo quando faz o leitor da crítica ir à obra. O crítico, prossegue, não pode esgotar a obra, não pode ir às entrelinhas. A crítica, portanto, tem que criar no leitor o interesse pela obra.

"E a crítica que tem esse papel é tanto a de jornal ou de publicações especializadas: não pode substituir a obra", garante. Em sua opinião, entretanto, nas críticas das universidades geralmente incorrem nesse erro. Por mais competente que seja o crítico, nada substitui a palavra e interpretação do leitor.

Maria Antonieta lamentou, também, o espaço que os jornais têm dado à crítica, cada vez mais reduzido, assim como alertou para o fato de o crítico de cada veículo, muitas vezes, escrever para o tipo de leitor do jornal. Disse também ser muito comum a crítica impertinente, quando aspectos pessoais interferem no trabalho crítico, o que muitas vezes tira a credibilidade da crítica.

"Nós críticos temos uma função social e cultural e não podemos partir de pensamentos preestabelecidos, por exemplo, sobre a criança. A criança tem muito mais portas abertas do que pensamos. O caminho é muito mais amplo do que a criança tem conseguido até agora, a partir da crítica",

Vera Aguiar, ao falar sobre "Uma crítica da Literatura infantil que transita na pré-escola", baseando-se em histórias como Chapeuzinho Vermelho, Os 3 porquinhos e títulos mais atuais, observou que, em uma pesquisa realizada em escolas do Sul, embora os professores preferiam contar estórias pasteurizando as obras e firmando conceitos morais, poucas são as crianças que introjetam esses conceitos. A maioria prefere dar vazão à imaginação e, assim, acabam por recuperar o texto original. Ao serem abordadas sobre o personagem de preferência, acabam elegendo o Lobo Mau.

As "qualidades" do Lobo que são geralmente ocultadas ou bem firmadas pelos professores são o maior atrativo que ele apresenta para as crianças.

"Não adianta o narrador atenuar a história, porque a maioria das crianças alcança o teor da obra", ressaltou.

Para Luís Camargo, que falou sobre "A crítica da ilustração para criança", os livros infantis podem ser produzidos de diversas formas, entre as quais, sendo o ilustrador e escritor a mesma pessoa e o autor e ilustrador não se conhecerem. Ou, ainda, autor e ilustrador realizarem a obra em conjunto. A produção do livro, no entanto, é de responsabilidade da editora.

A seu ver, a contribuição do ilustrador em relação ao texto pode ser positiva, mas nem sempre a intervenção da editora é positiva. Lembrou que, em um livro de Tatiana Belinky ("A galinha caipira que falava caipira"), no texto final a galinha já não mais falava caipira.

Ele identificou a ilustração em quatro níveis: plástico, narrativo, descritivo e interpretativo. Luís Camargo, autor e ilustrador, alertou ainda para o fato de que, geralmente, o capista não lê o livro para realizar seu trabalho.

Ao final do III Congresso da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, em que participaram cerca de 500 pessoas na UERJ, o saldo foi positivo. Mas a cada ano aprendemos mais e tentamos, a partir da avaliação, aprimorá-lo cada vez mais. Para o próximo, atendendo às sugestões, realizaremos uma plenária final, para que moções sejam encaminhadas de forma prática e objetiva.

Ainda como proposta, a FNLIJ aprofundará, em cursos, até mesmo itinerantes, os temas, cursos e oficinas mais significativos do Congresso como desdobramento. Para ampliar as alternativas de engajamento, está em estudo a possibilidade de a oficina ter duração mais prolongada, além da realização de outras oficinas menores. Os cursos deverão ser mantidos a semana inteira, na parte da tarde. A edição dos Anais do Congresso será, dentro do possível, agilizada. Até o próximo, em 1991.

Na solenidade de abertura, várias foram as homenagens. Ao presidente de honra do Congresso, Ferdinando Bastos de Souza, a Glória Pondé, a Ruth Vilela. Eliana Yunes recebeu, da Secretaria Geral, uma menção de agradecimento por seu trabalho. A homenagem de sempre a Malba Tahan. O embaixador Wladimir Murтинho — à frente da Fundação Pró-Leitura — destacou e elogiou, na ocasião, o Projeto Araxá, da FNLIJ. Ao completar a maioridade, com seus 21 anos, a FNLIJ tem sobrevivido na causa que defende em um País extremamente pobre de atenções e cuidados com sua infância e adolescência.

O escritor cubano Joel Franz Rosell, que se radicou há pouco tempo no Rio de Janeiro, falou sobre a crítica da literatura infantil e expôs seus problemas e propostas, diferenças e ligações com a crítica literária em geral.

Rosell, escritor infantil e juvenil há 22 anos, tomou conhecimento da literatura brasileira através de ensaios publicados na revista Tempo Brasileiro, no início da década de 80, e apaixonou-se por sua riqueza. Entre os escritores mais interessantes, apontou Marina Colasanti, Eliana Yunes e

Nelly Novaes Coelho.

Quanto à crítica literária infantil, Joel Rosell a considera prejudicada por haver uma cumplicidade entre o autor e os adultos a respeito do conteúdo da obra. Segundo ele, a crítica não é feita para as crianças e sim para os pais e educadores. O escritor cubano ressaltou a importância da homogeneização da cultura quando se refere à crítica literária infantil. A seu ver, a crítica, hoje, começa a encontrar sua vertente, mais nítida, deixando de lado a tendência poética dos anos 60.

Rui de Oliveira, ao abordar o tema "A imagem narrativa", fez referências a partir de ilustrações de diversos gêneros e limites e expôs a dificuldade que existe, atualmente, na definição do artista como pintor, grafista ou cartunista.

Segundo Rui de Oliveira, o ilustrador pode utilizar diversos aspectos das artes gráficas. Assim, ele se torna também um organizador, procurando adequar seu desenho ao livro. Isto é importante para o artista "não se prender a um determinado estilo e utilizá-lo como uma camisa-de-força". Para ele, o ilustrador como comunicador precisa alcançar o leitor, ou seja, o produto final.

A composição dos desenhos é fundamental para contar histórias visuais. Isto é o ponto de partida para o artista se tornar um bom ilustrador. Rui de Oliveira destacou, ainda, a ligação necessária entre a ilustração e a realidade. E concluiu: "o ilustrador deve ser fiel à realidade e ao mundo concreto, pois dessa forma estabelecerá, através de sua narrativa, a comunicação".

Somente a partir de uma crítica especializada, o ilustrador desenvolverá sua técnica, o que lhe permitirá aprofundar-se na ilustração voltada para crianças, acredita Laura Sandroni, que participou da mesa-redonda "A crítica da ilustração no Brasil", com Regina Yolanda, Ziraldo e Jô de Oliveira.

Ziraldo, por sua vez, disse que se interessou pelo livro infantil na década de 60 por sua formação de artista plástico. "Era um narrador e aí descobri a história em quadrinhos lá em Caratinga", lembrou. Ziraldo, autor de vários livros infantis, aproveitou para, com seu jeito mineiro, se lamentar da FNLIJ "que não tomou conhecimento do meu livro de 80". E foi a partir daí que ele diz ter se tornado autor infantil.

Jô de Oliveira levantou a questão da co-autoria. A seu ver, o ilustrador conta a história com imagens, mas o escritor de renome ainda é refratário a dar a co-autoria ao ilustrador. Segundo ele, no entanto, ainda há muito amadorismo no livro infantil brasileiro, principalmente com falta de variação nas expressões visuais. Em sua opinião, o trabalho do ilustrador não é apenas o de traduzir o texto, mas sim interpretá-lo e até acrescentar sua visão à história.

Regina Yolanda ressaltou o trabalho que a fundação vem fazendo, discutindo anualmente a produção literária infantil. Segundo ela, na maioria das vezes, a crítica se dá apenas com relação ao texto, dando à ilustração apenas o caráter de beleza.

Qual é o "Papel da crítica na seleção do livro infantil?" Para Eliana Yunes, o melhor crítico é o leitor. E só se forma um leitor crítico se se dá a ele tanto coisas boas como ruins. Na medida em que ele vai se aprofundando, terá condições de avaliar o que é bom e o que não é bom.

Baseada nesse conceito, Sônia Salomão acrescentou que não é de todo ruim o começo da leitura através de revistas como Sabrina — usando exemplo dado por uma professora presente —, mas alertou ser necessário que se propicie a esse leitor de Sabrina que ele avance, através da quebra "deste vício".

Sônia Salomão ressaltou, portanto, que a formação do leitor passa por todo tipo de leitura, até que ele chegue a seu próprio gosto. Ela acha também ainda polêmica a questão sobre a realidade da adolescência e a literatura que atenda às expectativas dos jovens. Disse, ainda, não haver receitas: "A literatura não deve, necessariamente, estar ligada ao pedagógico."



Notas

PRÊMIO

Estácio de Sá

O Governo do Estado do Rio de Janeiro concedeu à Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil o prêmio Estácio de Sá de Literatura, pelo trabalho desenvolvido pela Fundação. A entrega dos prêmios a todos os agraciados foi no último dia 14 de agosto.

CONGRESSO

Campinas

Com o objetivo de focalizar a leitura como prática social e histórica que se concretiza em diferentes materiais e se constitui de diferentes formas, será realizado entre 8 e 10 de setembro, em Campinas, o 7º COLE (Congresso de Leitura do Brasil). Inscrições na Cidade Universitária Dr. Zeferino Vaz, em Campinas. Informações pelo telefone (0192) 39-1301 ramais 2931 e 2921.

Biblioteconomia

De 27 de agosto a 1º de setembro, no Hotel Glória, no Rio, a Associação Profissional dos Bibliotecários do Rio estará realizando o 15º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, com promoção da Febab. O tema central é gerenciamento da informação, o desempenho do profissional da informação no papel de gerente de bibliotecas, centros de documentação, centros de serviços de informação. Informações nas associações de bibliotecários do País ou pelo telefone (021) 224-6080.



A leitura de Geneviève Patte

Julho foi um mês de intensa atividade para a FNLIJ. Além do Congresso, a francesa Geneviève Patte, diretora da La Joie par les Livres — que reúne a Bibliothèque Enfantine de Clamart, Centre de Documentation e La Revue du Livre pour Enfants —, esteve no Brasil, no início do mês passado, quando visitou os projetos “Livro mindinho, seu vizinho” e “Leia, criança, leia”, da FNLIJ, viu de perto o trabalho da Fundação e, no SESC, falou sobre suas experiências, na palestra “A leitura, a criança, a biblioteca”, cuja essência é a importância da formação de recursos humanos para a difusão da literatura infantil.

Para ela, tão importante como levar a criança à biblioteca é levar o livro — e a leitura em suas diversas formas — à criança. Em Clamart, cidade operária da França e de nível sócio-econômico semelhante a tantas cidades brasileiras — com população de baixo poder aquisitivo, onde as pessoas lêem pouco —, Geneviève Patte verificou que o livro, para a maioria, representava, unicamente, o livro escolar e não a imagem da leitura.

Na década de 60, deu o primeiro passo. Com uma cesta cheia de livros, foi até as crianças, um passo para atingir também os adultos. Em uma segunda etapa, a partir do anseio do público já atingido, deu à biblioteca — aquele espaço do silêncio — um aspecto de animação com encontros e estimulações. A biblioteca, a seu ver, deve ser um lugar onde se privilegie a palavra, a expressão pessoal e, sobretudo, individual.

— Nas atividades se aprende a contar histórias, a fazer teatro, a discutir o que se leu, se

gostou ou não e por quê. Deve ser sempre um lugar de integração entre crianças, adultos e aqueles que estão entre eles — enfatiza, lembrando que biblioteca pode ser qualquer espaço que tenha como objetivo o incentivo ao hábito da leitura.

Geneviève Patte ressaltou, ainda, que há muitas crianças que não são leitoras ou que lêem pouco, mas que gostam de ir à biblioteca. “Acho que é uma sorte não ter somente crianças leitoras, pois considero fundamental se ter um ambiente misturado, com crianças curiosas, outras que vão porque não sabem aonde ir e aquelas que lêem muito e já se desenvolvem na leitura. É um ambiente raro e muito modesto, onde se misturam crianças lendo — e que são ótimas leitoras — e aquelas que não lêem nada”, esclarece.

Mesmo as crianças que não se adaptam ao sistema regular de ensino precisam ter à disposição uma educação paralela que lhes propicie meios de descobrir alguma coisa, para serem ativos, responsáveis e reflexivos, ensina Geneviève Patte.

Mas não apenas as crianças devem ser sensibilizadas nesse processo, acredita ela. Atualmente, o trabalho da biblioteca de Clamart está voltado também para os adultos que levam as crianças. É um trabalho de sensibilização, onde se tenta dar elementos de informação sobre o livro infantil de uma maneira concreta. Geneviève Patte prefere um trabalho dinâmico, vivo, onde se contam histórias, mostram livros e as imagens, do que teorizar sobre livro ou leitura.

EXPOSIÇÃO

Humor

O VIII Salão de Humor do Piauí terá seu período inicial entre 21 e 31 de agosto, estendendo-se até o fim do ano através de projetos e programas. O Salão deste ano, além de abrir as festividades de centenário do Teatro 4 de Setembro, terá programação bem mais ampla, abrangendo todas as manifestações culturais.

Mostra gráfica

O Instituto Nacional de Artes Gráficas da Funarte apresentará, de 22 de agosto a 10 de setembro, no Museu de Arte Moderna do Rio, a Mostra Gráfica — Brasil 89, com 170 peças escolhidas entre 500 trabalhos produzidos em 88. São trabalhos fornecidos por agências de propaganda, escritórios de design e programação visual e profissionais autônomos do Rio, São Paulo, Minas, Paraná e Rio Grande do Sul.

OFICINA

Histórias aos sábados

Ouvindo e contando histórias é a atividade que a FNLIJ vem promovendo nos terceiros sábados de cada mês no Espaço Cultural da Criança (Instituto Nazaré — Rua Pereira da Silva, 322 — Botafogo), com a equipe de contadores de histórias da FNLIJ.



Notícias 8, agosto, 1989

EXPEDIENTE

Edição: Angela Romito
Diagramação: Igor Holzer
Composição: Micro-Compo
Sistemas de Fotocomposição Ltda.
Impressão: Miscal Sistemas e
Serviços Gráficos Ltda.

Apoio Cultural

XEROX
um compromisso
com a cultura

Projeto beneficiado
pela Lei Sarney

Filie-se à Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.
Divulgue nosso trabalho em casa e na escola.
Inscrições pelo tel. (021) 262-9130.